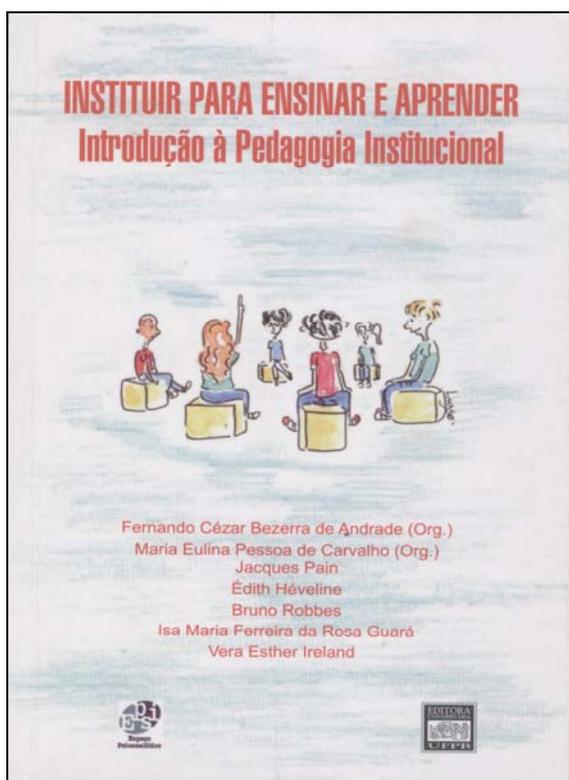


AEP PPC RECOMENDA

Vera Esther Ireland

ANDRADE, Fernando C. B; CARVALHO, Maria Eulina P., et al.. **Instituir para ensinar e aprender.** Introdução à Pedagogia Institucional. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009.



O livro aqui apresentado, de porte médio (150 páginas), foi escrito a várias mãos e dividido em 3 partes: apresentação, fundamentos e reflexões. Também inclui os elementos pré e pós-textuais, que trazem conceitos e informações importantes sobre o tema e seus pesquisadores.

A parte mais substancial, que ensina a *instituir para ensinar e aprender*, é intitulada Fundamentos. Trata-se aqui de introduzir o leitor, de forma relativamente simples, ao que se entende por Pedagogia Institucional, suas origens, suas práticas. Como ilustrações, vejam-se trechos das falas dos autores:

A pedagogia institucional é uma pedagogia da crise, que não recua diante da violência.
(p. 15)

A pedagogia institucional é um conjunto de técnicas, de organizações, de métodos de trabalho, de instituições internas nascidas na práxis das salas de aula orientadas por uma pedagogia ativa. (p. 29)

Entrando na sala de aula, não se deixa o inconsciente do lado de fora.
(p. 32)

A prática da turma institucionalizada começa pelo enquadramento espacial e temporal. (p. 45)

A crítica mais recorrente feita aos/às educadores/as da Pedagogia Institucional diz que eles/elas cuidam mais dos aspectos relacionais da turma, desviando-se das tarefas de aprendizagem propriamente

ditas. Não obstante, trabalhar a estrutura relacional em nada impede de trabalhar as aprendizagens [como mostram as explicações e os exemplos didáticos incluídos no livro]. (p. 83)

A função do/a mestre não é a de responder às demandas afetivas dos alunos, mas, em verdade, orientar seus desejos no sentido das aprendizagens. (p. 99)

A Pedagogia Institucional não é nem obrigatória, nem proibida, mas possível... (p. 99)

Com os FUNDAMENTOS, aprende-se com Jacques Pain, Édith Héveline e Bruno Robbes – autores franceses neste livro traduzidos, os quais, por sua vez, ensinam também sobre Jean Oury (psiquiatra), Fernand Oury (professor). Ensinam, também, sobre Freinet – este um autor de base para os anteriores, que se propõem a prolongar e aprofundar sua pedagogia e técnicas, por meio da inclusão do fator inconsciente no entendimento e organização do trabalho educativo.

A parte do livro intitulada REFLEXÕES é, como o nome sugere, uma retomada dos Fundamentos, para com eles se espelhar, meditar, expandir e convidar professores e professoras a se juntarem à proposta da Pedagogia Institucional. Vejam-se trechos:

Quando vejo turmas indisciplinadas, isto é, alunos e alunas dispersos e barulhentos, desperdiçando o tempo tão reduzido da nossa jornada escolar diária, penso que não nos demos conta de que o preparo para o exercício da cidadania começa na sala de aula: todos os alunos e alunas têm o direito e o dever de aprender e colaborar para que os demais aprendam; de cuidar das relações e do ambiente de sua classe e de sua escola; de se engajar em desafios de aprendizagem, reconhecendo as contribuições individuais e as realizações coletivas; de expressar sentimentos e nomear conflitos, buscando entendê-los, negociá-los e apaziguá-los; de ter respeitada sua singularidade e viver, também, o espírito de coletividade. (p. 120)

[Do exposto no livro] decorre a adoção de uma prática que colabore para instituir e, nesse sentido, estimule o respeito à lei; garanta os lugares (assim como as funções, os papéis) de cada um na sala de aula; promova a linguagem e, para viabilizar tudo isso, assegure limites. [Um dos autores do livro] insiste nos efeitos da subjetivação dessa pedagogia: ensinar é contribuir para a formação de um sujeito, de vários sujeitos em relação – de cada um e de todos, simultaneamente.

Não surpreende, pois, que essa pedagogia tenha buscado inspiração na psicanálise francesa, no sociodrama, no psicodrama – cujas teorias e técnicas valorizam, de um lado, o inconsciente como fonte de motivações consideráveis para a conduta humana; e, de outro, o

grupo como dispositivo organizador das forças psíquicas que emanam do inconsciente – entre elas, particularmente, as pulsões, expressas nos mais variados desejos definidos em função de diferentes objetos (entre eles, particularmente, o conhecimento transmitido pela escola). A subjetividade não se dá no vazio, mas pressupõe a intersubjetividade e, obviamente, a própria objetividade. (p. 124)

(...) a contribuição da Pedagogia Institucional para o aprendizado do interdito da lei, em conjunção com a “emergência da palavra”, constitui um exercício fundamental para a democracia e uma boa oportunidade de exercício da reciprocidade e do intercâmbio entre pares. Além do mais, o estabelecimento de regras claras de convívio, como indica esta pedagogia, ajuda os educandos a serem responsáveis por suas próprias ações e inações, e a assumirem as conseqüências de suas escolhas. (p. 135)

Uma forma de se ver, literalmente, a Pedagogia Institucional em ação é através do filme “Palavras – a herança de Dolto” (...). Um dos aspectos que chama a atenção nas práticas dessa escola organizada pelos princípios de turma institucionalizada é o uso de uma ampulheta para marcar o tempo do silêncio, a pontuar as falas em determinados momentos (...). (p. 139)

Com as REFLEXÕES, partilha-se do encontro que Maria Eulina Pessoa de Carvalho, Fernando César Bezerra de Andrade, Isa Maria Ferreira da Rosa Guará e Vera Esther Ireland tiveram com a Pedagogia Institucional. Cada um a vê por um determinado prisma, uma determinada modalidade de trabalho, mas todos têm esperança de que mais educadores brasileiros venham a se posicionar sobre o tema e, quem sabe, praticá-lo, mesmo que parcialmente, em suas turmas de docência.